

# ASPECTOS BÁSICOS DA FORMAÇÃO POLÍTICA INTEGRALISTA EM SÃO CARLOS

*Marcelo Werle\**

## **Introdução**

O presente texto visa apresentar uma situação político-social em que se viram envolvidos os mais diversos elementos trazidos para a colonização da Vila de São Carlos, no Oeste do Estado de Santa Catarina, no período de 1934 até 1939.

Mais do que expor a situação política e social, levantaremos algumas hipóteses acerca da participação da comunidade local na corrente política chamada de integralismo, que surge no Brasil na década de 30. Verificaremos também até que ponto pode se aventar a possibilidade da própria Companhia Colonizadora Sul Brasil ter tido um papel decisivo para que isto ocorresse com a veemência verificada. Para isso faremos uma rápida análise da tipologia dos elementos trazidos pela Colonizadora, situando-os em nível local. Além disso, relataremos os principais acontecimentos que resultaram na divisão da população da vila em duas facções que se defrontaram em quase todos os campos.

A vila de São Carlos, bem como diversas vilas (hoje cidades) vizinhas a já citada, tiveram como acelerador de crescimento a Companhia Territorial e Colonizadora Sul Brasil, com sede em Porto Alegre. Esta passa a atuar na região Oeste de Santa Catarina a partir do ano de 1926, tendo, para tanto, a incumbência de lotear e vender a área de 2.467.074.800 metros quadrados, adquirida via escritura de 26 de agosto de 1925.

A Companhia Sul Brasil contratou o já experiente colonizador Carlos Culmey para a organização e viabilização dos trabalhos.

---

\* Pós-Graduado em Pesquisa e História do Brasil República.

Neste texto não se fará uma regressão da vida de Carlos Culmey nem de seus trabalhos anteriores, bem como não é intenção um aprofundamento dos poucos anos de história que antecederam o período de 1934 até 1939, visto a vila ter surgido somente em 1927, via Companhia Sul Brasil. Mas faz-se necessário situar o leitor quanto ao ambiente sócio-econômico, político e cultural.

Visto não existir alguma bibliografia que resgate a existência dos integralistas na região Oeste de Santa Catarina, os fatos têm como base narrativas de atores do período, que vivenciaram e participaram dos acontecimentos.

O presente trabalho está aquém de encerrar-se em si mesmo, por não ser esta sua finalidade. Constitui-se em um apanhado inicial destacado de um texto mais amplo produzido anteriormente pelo autor.

Quanto a autores que enfocam a questão do integralismo, citamos René Gertz, que numa parte do seu livro "O Fascismo no Sul do Brasil" apresenta "O Integralismo e os Teutos em Santa Catarina". Mencionamos ainda a publicação de Héglio Trindade, "Integralismo: O Fascismo Brasileiro na Década de 30".

Em relação à apresentação dos princípios integralistas, optamos em trabalhar com as "Obras Completas" de Plínio Salgado, onde ele expõe os princípios defendidos pela ideologia integralista no Brasil.

E para trazer uma idéia geral desses princípios, reproduzimos a seguir trechos do Manifesto de outubro de 1932, através do qual o líder integralista, Plínio Salgado, conclama a nação brasileira a aderir a sua ideologia:<sup>1</sup>

"O Brasil que já não está mais deitado eternamente em berço esplêndido, mas de pé, pela consciência das novas gerações, êsse Brasil deverá ler o que eu falava quando ele dormia."

"Deus dirige o destino dos povos(...). O homem vale pelo trabalho, pelo sacrifício em favor da família, da pátria e da sociedade.(...) Uma nação, para progredir em paz, precisa ter uma perfeita consciência do Princípio de Autoridade.(...) Hierarquia, confiança, ordem, paz, respeito, eis o que precisamos no Brasil."

---

1. Trechos retirados das Obras Completas de Plínio Salgado. v. 9 e 10.

“Nós somos contra a influência perniciosa dessa pseudo-civilização, que nos quer estandarizar. E somos contra a influência do Comunismo, que representa o capitalismo soviético, o imperialismo russo(...). Queremos a construção Nacional. Por isso, o nosso ideal não nos permite entrar em combinação com partidos regionais, pois não reconhecemos esses partidos; reconhecemos a nação (...). A nossa pátria precisa estar unida e forte, de modo a salvar-se do comunismo.(...)”

“Somos pela família, pela propriedade, pela moral religiosa. Nós somos a Revolução em marcha.(...)”

“O comunismo destrói a família; destrói a religião; destrói a iniciativa de cada um; mata o estímulo.”

Constata-se, através dos pressupostos integralistas apresentados, que religião, pátria e família são os elementos a serem defendidos em oposição ao comunismo que destrói tudo. Toda batalha necessita de um objetivo a ser defendido, e mais claro se torna o objetivo, quanto mais claro se tornar o inimigo a ser combatido.

## **I. A estratégia de colonização**

Antes e durante os primeiros anos da colonização, Carlos Culmey percorreu o Rio Grande do Sul à procura de pessoas de sua confiança que pudessem preencher todos os cargos e postos estratégicos ou que pudessem auxiliá-lo na colonização da área de terra da Companhia Colonizadora Sul Brasil, no oeste de Santa Catarina e, no caso específico deste trabalho, na vila de São Carlos. Assim, como a estes elementos, escolheu alguns agentes vendedores de terras que atuavam em cidades do Rio Grande do Sul, de onde havia interesse em que viessem colonos. As pessoas escolhidas para se deslocarem para a região eram dotados de algumas coincidências curiosas como o fato de nenhuma delas ser de um nível sócio-econômico baixo. Quase todas foram vendedoras de terras para a Companhia, o que implicava num *status* indiscutível. Poucos destes elementos escolhidos eram colonos.

Funções com as quais estas pessoas se ocuparam: médico,

comerciante, madeireiro, subdelegado, professor, dentista ou agricultor, todos residindo na vila ou logo próximo. O fato de Culmey ter participado diretamente da vinda destas pessoas, não significa, entretanto, que tivesse tido o controle permanente sobre os mesmos.

Inicialmente formou-se o núcleo denominado de Palmitos, ainda em 1926. A este local caberia receber os imigrantes teutos e alemães de religião evangélica. Em 1927 forma-se o núcleo denominado de São Carlos, ao qual viriam se dirigir os imigrantes teutos ou alemães de religião católica.

Antes de mais nada, é preciso que se pergunte por que a propaganda realizada pela Cia. atraía tantas pessoas? O que levava famílias inteiras, muitas vezes, três gerações juntas a tentarem novas terras?

As razões eram as mais diversas, porém algumas predominavam. Em essência, as novas terras destinavam-se a trabalhadores da terra, colonos, e a maior parte dos imigrantes provinha do meio rural gaúcho, onde a escassêz de terras em virtude do crescimento populacional, fez com que tentassem novas terras. É hábito, até hoje, entre os teutos, de dividirem suas terras com os filhos, assim como era hábito serem numerosas as famílias e os novos casamentos, inviabilizava um trabalho na terra. Inicialmente vieram os jovens, alguns recém-casados, outros procurando vencer em terras novas. Alguns traziam as desilusões da família, de relacionamentos amorosos, alguns especuladores, alguns comerciantes, gente fugindo da polícia, muitos agricultores esperançosos.

Em comum mesmo traziam eles os traços da pobreza financeira. A Cia. dividiu as terras em três categorias; os lotes urbanos, com área variando de 600,00 até 5.000m<sup>2</sup>; já as chácaras, circundando os lotes urbanos, com área de 30.000 até 60.000m<sup>2</sup>; e as colônias, com área variando de 240.000, até 340.000m<sup>2</sup>. Na verdade não se trata de uma grande quantia os 24ha oferecidos como módulo, e a maioria esmagadora conseguia no máximo comprar uma colônia, muitos, somente meia colônia, e uma grande quantidade assumiu dívida com a

---

2. PILGER, Antonio. Verificação em mapas originais da Cia. Territorial Sul Brasil, de sua posse.

Cia. para ser saldada com a produção dos próximos anos. Uma grande quantia ainda não possuía dinheiro sequer para comprar um lote ruim na vila. O caso de Aloísio Werle que tendo vindo a primeira vez até a colônia em 1927, com seu futuro sogro, gostou do lugar, voltou para Dois Irmãos, casou, fez lua de mel na viagem, gastou tudo nesta, fez um acordo com a Cia. e lhe venderam um lote, sem entrada nenhuma, e este, de vergonha, escolheu um lote recusado por todos pelo excesso de pedras e laje. Para fazer sua casa, ganhou uma árvore de presente de um agricultor, que lhe disse: cortando-a e tirando de lá é tua. Fez sua casa. Os primeiros anos seguiram muito ruins, tão ruins que os novos inquilinos do local não saíram, ou voltaram porque não tinham dinheiro para voltar.<sup>3</sup>

A situação de pobreza durou muitos anos, praticamente toda a primeira década. Não são difíceis os relatos de antigos moradores do local referindo-se a anos consecutivos sem ver uma única cédula ou moeda, de tal modo que prejudicava o próprio comércio local, onde a troca predominava. Mas nem tudo é passível de troca. Chegou-se ao cúmulo de cunhar-se moedas próprias, arbitrando números, normalmente em uma das faces da moeda. A mesma tinha valor somente no município.<sup>4</sup>

Em oposição a esta maioria dos migrantes vieram quase no mesmo período, elementos nem tão pobres assim, e com traços em comum entre si, apesar de não se conhecerem: o fato de não serem agricultores ou de não basearem sua sobrevivência no trabalho com a terra.

A exceção se dá em torno da família de Silvestre Puhl.<sup>5</sup> Ele relata que determinado dia, seu pai, que morava no interior de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, foi procurado por Carlos Culmey que o convidou para trabalhar para ele como vendedor de terras, ou algo semelhante. Silvestre não entendeu por que seu pai aceitou,

---

3. WERLE, Aloísio. Entrevista realizada por Marcelo Werle, em 29 de dezembro de 1989, em São Carlos.

4. ELY, Frontino Wilibaldo. Entrevista realizada por Marcelo Werle, em setembro de 1991.

5. PUHL, Silvestre. Entrevista realizada por Marcelo Werle, em 11 de agosto de 1993, em São Carlos.

abandonando a terra onde estavam tão bem instalados, com diversas criações, gado, suínos, galinhas, lavoura, para vir para São Carlos, onde nada conheciam. Relatando uma venda de terras que presenciou para determinado colono que não possuía a quantia necessária para o negócio, Puhl afirma que este foi emprestar dinheiro de Pedro Werlang, que possuía um pequeno escritório de negócios para a Companhia, entre os quais, emprestar dinheiro. Segundo Puhl Werlang, era uma das poucas pessoas da comunidade que possuía recursos para fazer empréstimos. Pedro Werlang era também prático de dentista.

Na mesma época, instala-se um médico prático de nome “Dr. Sebastiany”, convidado da mesma forma, já sendo conhecido de Culmey da colonização de Cerro Azul no Rio Grande do Sul. Sua posição de morada foi excêntrica, ao preferir morar distante 4 km do centro da Vila, em direção a Palmitos. Não se pode dizer que simplesmente preferia o isolamento, pois o local de onde viera era minimamente superior ao que vinha encontrar aqui. Tudo mais ou menos o contrário do que sua posição de prático sugeria.

Logo em seguida, instala-se Fridolino Zimmer, um jovem bastante audacioso e possuidor de grande capital a ponto de poder adquirir rapidamente quase uma centena de colônias e lotes na vila, bem como chácaras ao redor. Usava-as para o comércio, e aproveitava a madeira sobre as mesmas para o desdobre em sua madeireira montada no interior da vila. Homem de grande persuasão, desde cedo tenta assumir as rédeas do poder local. Sua fama de não gastar dinheiro facilmente e de pouco solidário com os problemas financeiros dos imigrantes, faz com que em pouco tempo o armazém que ele abriu fechasse as suas portas. Zimmer negava-se a fornecer crediário, o que para a condição local era inaceitável.

Da mesma forma, ainda antes de 30, chega Nicolau Schoemberger, homem ardiloso, talvez o primeiro político manifesto no local. Ele envolveu-se com diversas funções sociais e econômicas, atendo-se ao comércio. Era russo e bem conceituado em quase toda a vila.

Logo nos primeiros anos da década de 30, chega Manoel Klauck, prático de topografia, também trabalhando para a Companhia Sul Brasil. Ele montou uma casa de comércio e era largamente conhecido pela

sua arrogância. De acordo com palavras do Dr. Walter Hund<sup>6</sup> “este era contra tudo”.

Estes elementos, juntamente com alguns seguidores, dominaram a comunidade local por pelo menos uma década. E tem como traços comuns o fato de não trabalharem como colonos, terem um nível sócio-econômico mais elevado que a maioria da população local e estarem ligados diretamente com a Cia. Sul Brasil, trabalhando ou agindo quase sempre em conjunto.

No entanto, o que mais chama a atenção sobre estas pessoas é o fato de simplesmente estarem ali. Praticamente todos os demais colonos vinham de situações anteriores ruins de falências, de excesso de mão-de-obra para pouca terra. Ao passo que é curioso porque pessoas que poderiam comprar terras ou montar estabelecimentos em outros locais que não tivessem as limitações geográficas deste optaram por arriscar em uma colonização que inclusive poderia nem dar certo?

Constata-se, por outro lado, que as constantes ausências de Culmey fizeram com que o poder local resultasse numa aliança entre a igreja local e estas pessoas que o colonizador trouxe para cá, instituindo-se um poder paralelo ao seu na comunidade, liderado por Fridolino Zimmer.

## 2. Aspectos da política local

Os primeiros anos de convivência na vila foram marcados por uma série de episódios, onde, como veremos, são tomadas determinadas decisões que, serviram para salientar o poder de poucos sobre uma maioria.

Em se tratando de uma população eminentemente católica, antes de qualquer outro problema, o primeiro impasse verificou-se em torno da ausência de um padre que se fazia necessário, principalmente no caso de mortes. A religiosidade dos moradores não aceitava esta falta.

Havia uma certa burocracia em torno da vinda de algum padre

6. HUND, Walter. Entrevista realizada por Marcelo Werle, em 06 de janeiro de 1990, em São Carlos.

para estas pequenas localidades. Nos dois primeiros anos vinha um a cavalo, de Porto Novo, numa frequência de 6 em 6 meses. O padre exigiu um local para permanecer a noite, quando viesse. Construiu-se uma casa. Com o tempo, a comunidade exigiu um padre com maior frequência, de preferência, permanente. Neste período, um padre de nome Henrique Buse, muito jovem, vinha se fazendo presente, também com o intuito de conseguir uma nova paróquia para os Missionários da Sagrada Família, pois o mesmo vinha de Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul. A sua presença permanente se daria mediante a construção de uma igreja. Antes de 1930 a mesma já estava pronta.<sup>7</sup> Porém, no ano de 30, o mesmo padre comunica aos fiéis que na Páscoa eles estariam sem padre.

O descontentamento correu a região, chegando até Porto Alegre, na sede da Cia. Sul Brasil e até Lages em Santa Catarina, aos ouvidos do Bispo Dom Daniel Hostin. Por intermédio da Cia. Sul Brasil, principalmente de Carlos Culmey e com aprovação do Bispo, convidou-se o padre Johannes Bayerle de Berlin, Alemanha, e o mesmo veio, juntamente com mais três auxiliares para São Carlos. O episódio é contado por Leopoldina W. Lehnen:<sup>8</sup>

“Até a Páscoa a gente não tem padre? Então uma semana antes da páscoa, então a Arenz veio, nós era vizinho né, então ela disse, óia veio um padre com treis rapais de Berlin, então, este padre qué ficá. (...) Quando o padre Buse tava aqui sempre tinha a casa dos padres, né. (...) Então ninguém das autoridade da capela, ninguém aceitô este padre. O Schemberge disse, padre é padre, e levo ele lá. Então ele tava doente, então a tua vó, a Mari, eu e a Arenz fomo lá vizitá o padre. Ele disse o seguinte enton: eu venho ton longe e lá tem padre de sobra, enton o Bispo de Lages e o Bispo de Berlin eles me avisaram que é prá chegar aqui. E se falta alguma coisa, só avisá em Berlin, eles manda tudo. (...) E sabe o que? Na semana santa quem veio com tudo mochila, era o Padre Henrique. Como que ele podia vim de Santo Ângelo, porque não tinha condução. Eu não posso dize com toda verdade, mais como

7. LEHNEN, Leopoldina W. Entrevista realizada por Marcelo Werle, em 15 de agosto de 1994, em São Carlos.

8. LEHNEN, op. cit.

que eles me disseram, foi o Fridolino Tzima, que mando ele vim. Foi busca ou como que foi. Então todo mundo gritava; nós não queremos um padre estranho, nós queremos o Padre Henrique.”

O Padre Bayerle veio também com o intuito de construir um conjunto de 40 casas para os agricultores, no interior do município. Muitos ficaram eufóricos, pois além das casas, haveria serviço e dinheiro. Chegou-se a construir a primeira casa, sendo que o local era exatamente entre onde hoje localizam-se as cidades de São Carlos e Saudades. Mas o restante do povo não se convenceu. Quase ninguém ia à missa com o Padre Johanes Bayerle nem o próprio Padre Buse, criando um clima de mal-estar na vila. O Padre Johanes teve que sair da casa onde estava, indo morar provisoriamente no salão de “bolão do Kroth”, tendo que sair da cidade por não haver espaço para sua pregação. A verdade é que muitos preferiam que ele ficasse, mas tinham medo de ir contra as “autoridades” locais.<sup>9</sup>

Sobre o referido Padre correm diversas histórias, com as mais variadas versões, sendo que todas recaem em dois pontos coincidentes: que o padre foi expulso da cidade; que o padre ao sair desejou que esta localidade nunca fosse progredir (muitos acrescentam ainda: enquanto que as pessoas responsáveis pela sua expulsão não morressem). Sendo verdade ou não, este foi o sentimento popular contraído depois do seu afastamento.

Ainda segundo Leopoldina W. Lehnen:<sup>10</sup>

“ele tava doente de febre, né, tão longe ele disse, agora ele vem e o pessoal não accitava ele. Tu sabe como que, a gente vem num lugar, ninguém te accita lá. Ele foi embora. (...) então o pessoal já se repartiu, todo mundo gritava, né, ...cu vô falá bem a verdade, né, o Fridolino já, sepultado e dos morto a gente não é prá falá, ele fez as lei prá ele, prá o Padre Henrique, era um padre bem novinho, eles queriam fazê uma colônia santa aqui (rizadas), no dia do Padroeiro, nesse dia não devia sê baile nem nada, dia de São Carlos, né, no dia do Padroero. O pessoal

9. LEHNEN, op. cit.

10. LEHNEN, op. cit.



Foto 1 - Integralistas de São Carlos reunidos, uniformizados.



Foto 2 - Escola Católica em São Carlos. No centro, padre Antônio Revering e professor Carlos Bierlmaier.

que era acostumado, né, que era festa em casa e baile e tudo, nas colônia velha (...) isto eu quero vê”.

A festa do padroeiro é uma tradição de séculos, mantida pela própria Igreja Católica, e no caso dos alemães é chamada de “Festa do Kerb”. No Decreto de criação da Paróquia de São Carlos que ocorreu em 02 de abril de 1931, em um de seus parágrafos está escrito:

“Mandamos que a festa de São Carlos Borromeu, Titular da nova paróquia, seja celebrada todos os anos com a solenidade devida e com verdadeira devoção, no dia próprio ou domingo seguinte.”<sup>11</sup>

Por interesse de Fridolino Zimmer, o Padre Buse proibiu a festa do padroeiro, mas a Família de Pedro Sebastiany, que possuía uma casa enorme, abriu suas portas para lá fazerem o baile. Em represália, o Padre recusou-se a celebrar a missa no dia seguinte. O clima piorava rapidamente, pois fazia somente quatro meses que o Padre Johanes havia ido embora.

“E assim começo a confusão, o pessoal não se acertava mais. De tal forma que os mesmos que gritaram a favor de Padre Buse, foram contra o mesmo, pressionando-o a também sair. Não durou um ano. Toda a vila ficou dividida e toda vez que algum impasse se formava, surgia a divisão entre os dois grupos.”<sup>12</sup>

O episódio do padre faz parte do folclore local. Marcou com tamanha profundidade os moradores, que até hoje não se realiza Festa de Kerb na cidade, apesar das 22 que ocorrem todo ano no interior. Por incrível que possa parecer, após o Bispo enaltecer e solicitar as festividades do Kerb, no ano de 31, no ano de 32, deixa no Livro

---

11. Livro Tombo da Paróquia de São Carlos. Decreto da criação da Paróquia de 10 de agosto de 1931.

12. LEHNEN, op. cit.

Tombo o seguinte recado:

“É nosso desejo ardente que, no dia do Santo Padroeiro, não se realizem bailes, pois, as danças tiram a essa festividade religiosa o seu próprio caráter”.<sup>13</sup>

De acordo com Leopoldina W. Lehner<sup>14</sup>, isto ocorreu por interesse de Fridolino Zimmer e sua turma, sendo que a mesma não esclarece de que forma tal se verificou.

Após algumas passagens de novos padres, somente em setembro de 33, um novo vigário se instala na vila. Trata-se de Antônio Revering que não se submeteu aos desmandos de Fridolino Zimmer.

Desde os primeiros anos foi se cultivando uma espécie de neurose coletiva, onde uns sempre eram contrários a outros e por esta razão suposta, deveriam lutar em campos opostos, em qualquer situação. Por diversas razões, muitas pessoas acreditavam e seguiam os princípios que foram ditados pelos elementos que estavam forjando o comportamento ou o *modus vivendi* local. Pode-se dizer que a população local estava perfeitamente dividida e a divisão não se processava por pessoas e sim por famílias. Outro incidente envolvendo a instalação de uma fábrica, um frigorífico e um moinho, demonstra a divisão que ocorria na comunidade.

Aloísio Werle, que em uma primeira tentativa de entrevista, não quis falar sobre o episódio a seguir, no ano de 1987, preferiu escrever a respeito e o fez da seguinte forma:

“Em 1935 ficou pronta a estrada que liga São Carlos a Caxambú. Num belo dia chegaram aqui 5 pessoas, 2 de Guaporé, 2 de Erechin e 1 de Tapejara. Estavam hospedados no Hotel, mas ninguém sabia qual era a finalidade. Passado uns 8 dias convidaram todo o pessoal da Vila para uma importante reunião. Então um deles foi explicando porque estavam em São Carlos e

13. Livro Tombo da Paróquia de São Carlos, *ibidem*.

14. LEHNEN, *op. cit.*

disse: Nós estamos aqui para fazer um levantamento porque nós estamos achando que São Carlos seria um lugar de muito futuro. Nós queremos construir um Frigorífico e uma Fábrica de Caixas e um Moinho, o lugar já está escolhido. Agora para esta Indústria funcionar vamos aproveitar o Salto do Chapecó o levantamento também já está pronto, vai dar de 12 a 15 m de caimento. Se por acaso uma ou outra pessoa quer ficar sócio, pode, mas ninguém é obrigado só São Carlos teria um compromisso, colocar a alternada de São Carlos até a Usina do Salto Chapecó. Ali uma pessoa (não vou citar o nome) tomou a palavra e disse: Meus Senhores! Isto está tudo muito bem mas eu acho se o pessoal de São Carlos quer por uma indústria não quer uma gente de fora. Apoiado por mais uma meia dúzia de pessoas. Neste momento São Carlos ficou enterrado para sempre. Se por acaso se tivesse concordado hoje São Carlos seria o dobro de Chapecó. Esta oportunidade São Carlos nunca mais vai ter.”<sup>15</sup>

O nome da pessoa que se pronunciou contra a instalação da indústria foi Fridolino Zimmer, apoiado por sua turma. Ele foi contra pelas seguintes razões: o seu poder não poderia ser dividido com forasteiros, e gente de fora significava não serem de origem alemã. Além disso, o salto do Rio Chapecó era o maior impedimento para os madeiros, pois fazia com que as balsas de toras de madeira somente pudessem ser levadas em épocas de enchentes e a proposta era erguer uma barreira intransponível, através da instalação da usina justamente abaixo da madeireira de Fridolino. O desgosto dos que se lembram da passagem é óbvio, pois tudo o que mais se queria neste local perdido na mata era progredir.

Desta forma, lentamente foi se criando um sentimento de impotência geral. Isto não significa que não houvesse reação por parte do resto da população. É claro que não de forma violenta, normalmente de forma divertida. Como o fato que ocorreu no ano de 1933. Naquela época quem pudesse ter um cavalo ou um burro era alguém de muita posse. Poucos os tinham, entre eles, Fridolino. Certo dia o seu burro estava amarrado em frente à Igreja, na praça. Nada de anormal, pois a casa de Fridolino era ao lado. Noutra dia amanheceu morto,

---

15. WERLE, Aloísio. Memória. São Carlos, 1988.

“ficou lá, ficou lá um dia, dois dias, ficou lá três dias já estufado, ninguém si importou nada. Ai veio o pessoal lá de Tombos (...) vieram uma turma, ai inventaram um canto (...) O Schemberge apareceu com uma lata de gasolina, lenha tinha a vontade, casualmente nós tava ensaiando a banda, fomo lá e tocamo a marcha fúnebre. Cantaram o canto, mais tarde também cantaram ainda. (...) tinham dado um tiro de flobé no burro. (...) O Zimmer não fez nada.”<sup>16</sup>

### 3. O surgimento dos Integralistas em São Carlos

Os anos que antecedem a Segunda Guerra Mundial foram particularmente difíceis na comunidade de São Carlos. Verifica-se uma série de desfechos importantes, com uma particularidade a mais: o grupo dos elementos que tentava afirmar-se como portadores da santificação local, os guardiões da ordem e da moral, descobrem um rótulo para seu intento, que se encaixou perfeitamente nos propósitos até agora trabalhados: era o Integralismo.

É difícil afirmar o período em que se travou contato com os discursos integralistas na região. As evidências nos levam a acreditar ter sido já no ano de 35. Em nome deste cometeu-se verdadeiras barbaridades, a ponto de Culmey acreditar que sua colonização iria naufragar. Até este ano, Culmey ainda acreditou que possuía o controle sobre os homens de sua confiança e sobre as suas vilas em formação, não interferindo tão abertamente, mas a ruptura que estava aprofundando não propiciaria o progresso desta localidade. Culmey rompe oficialmente com Fridolino Zimmer e sua turma, assumindo o lado dos não integralistas. As lideranças integralistas de São Carlos são: Fridolino Zimmer (trata-se do grande líder local) e como representantes maiores: Pedro Werlang, Aloísio Stoffel, Dr. Pedro Sebastiany, Carlos Bierlmeier, Manoel Klauck, e muitos outros elementos da família Klauck e da família Ternus.<sup>17</sup>

A divisão do povo na tentativa de cada um assegurar sua parcela

16. WERLE, Aloísio. Entrevista realizada por Marcelo Werle, em 12 de dezembro de 1989, em São Carlos.

17. LEHNEN, Leopoldina, op. cit.

de poder de decisão se dá em 31 no afastamento do Padre Johanes.<sup>18</sup> Todas as demais passagens justificaram o favorecimento de uns em prol do obscurantismo de outros, apesar de se perceber que nunca deixou de se tomar alguma atitude por parte de oposição de ambos os lados. Esta divisão fez com que na vila existisse a cerveja dos integralistas e a dos outros; a casa de comércio dos integralistas e a dos outros; o salão onde um grupo se reunia, os integralistas procuravam outro; quando uma turma fazia algum baile, os integralistas faziam outro. O Padre Revering que resistia ao poder dos integralistas, optou por um pequeno enfrentamento e como prova de poder, os integralistas lotaram a igreja, todos uniformizados, durante uma celebração de missa; havia o médico dos integralistas e o outro; o professor dos integralistas e o outro e uma série de outros pequenos pontos de atrito.<sup>19</sup>

Os integralistas inovaram o panorama local por aparecerem como políticos-militares-nacionalistas-germanistas. Era muita coisa a ser defendida, representada através do uniforme de aspecto militar. De acordo com Leopoldina W. Lehnen<sup>20</sup>, que era costureira, praticamente só se encontrava tecido verde preto e branco nos armazéns, pois eram as cores dos integralistas. Os homens, usando camisa verde e calça preta, as mulheres saia preta e camisa branca com colete preto.

Um dos graves incidentes relacionado aos integralistas envolve o professor Carlos Bierlmeier, natural da Alemanha. Ele foi o elemento que promoveu maior propaganda para os integralistas. Porém, em sua sala, dando aulas para as crianças, não foi aceito com muita facilidade a ponto de ser reprimido pelo próprio padre.<sup>21</sup>

Assim sendo, em 14 de setembro de 1937, é elaborada uma carta pelo padre Revering e assinada por 54 moradores, pais de família da vila<sup>22</sup>, solicitando que o prefeito Municipal de Chapecó interferisse para o afastamento definitivo do professor estadual, pois o mesmo era

18. LEHNEN, op. cit.

19. Fatos relatados por diversos entrevistados.

20. LEHNEN, op. cit.

21. WERLE, Aloísio. Entrevista, op. cit.

22. Correspondência enviada ao Prefeito Municipal de Chapecó, em 14 de setembro de 1937. Inclui abaixo-assinados. São Carlos.

um elemento de discórdia no seio da população da vila. Em 13 de outubro do mesmo ano, o vigário envia correspondência ao Prefeito de Chapecó lhe agradecendo pela solução do caso e indicando novo professor para o cargo.<sup>23</sup> Ainda em 06 de dezembro de 37 o prefeito recebe nova carta de José W. Ramme, morador do interior do município, onde este coloca que “este tal de integralismo deve ser aniquilado e sem dúvida vai desaparecer graças à energia das nossas autoridades (...)”.<sup>24</sup>

Os conflitos agravam-se na vila, com os novos rumos da política nacional. Em fins de 37, Aloísio Werle inaugura o seu novo bar e restaurante, poucos dias depois de Getúlio Vargas acabar com as esperanças dos integralistas chegarem ao poder com Plínio Salgado, através de uma eleição para presidente da República, que foi suspensa. Entra-se no Estado Novo. Era o dia 04 de dezembro de 1937.

Inconformados, os integralistas organizam-se e marcam para maio de 38 um dia nacional de manifestação<sup>25</sup>. Em São Carlos escolheu-se como local de manifestação o bar do Sr. Aloísio, também por ser ele um dos líderes dos elementos contrários ao movimento integralista. Em declaração escrita, Aloísio Werle descreve o ocorrido:<sup>26</sup>

“em 1938 o integralismo queria tomar conta em todo país. Mesmo em São Carlos o Integralismo era muito forte. Numa bela noite 4 elementos entraram na minha casa, fortemente armados e queriam me obrigar para entrar no Integralismo. Várias vezes me ameaçaram para mim matar mais o meu Anjo da Guarda era mais forte que os bandidos. Quebraram tudo o que tinha no meu bar. Outro dia que era num domingo o chão era um só caco de vidro. Toda a população ficou revoltada, por força queriam matar os 4 elementos, mas eu não dei a minha palavra”.

23. Correspondência enviada ao Pref. Municipal de Chapecó, por Padre Antonio Revering, em 13 de outubro de 1937.

24. Corresp. enviada ao Pref. Municipal de Chapecó, por José W. Ramme, em 06 de dezembro de 1937.

25. SALGADO, Plínio. Diversos. Obras completas. v. 10. São Carlos : Edit. das Américas, 1958.

26. WERLE, Aloísio. Memória, op. cit.

“Quando estas 4 pessoas ficaram sabendo ficaram com medo e foram se esconder num mato em Pratas. (...) Em Chapecó passaram um telegrama a Joaçaba pedindo reforço. Estas 4 pessoas atravessaram o Uruguai rumo a Iraí. (...) As 11 horas da noite já estavam na Cadeia em Iraí. Cada um armado com 2 revólves e tinham mais que mil tiros. Quinta-feira veio o reforço de Joaçaba 15 soldados e dois cabos. No mesmo dia foram pegar eles em Iraí e travessaram para cá”.

Não se sabe ao certo quantas pessoas participaram da agressão, pois somente quatro entraram no bar, ficando pelo menos mais oito ao redor da casa, montados em cavalos, cuidando para que ninguém viesse.

Eles ficaram presos em São Carlos por alguns meses, em prisão domiciliar, visto que não ocorreram mortes. Porém, o motivo da prisão não foi unicamente este, sendo que o agravante deu-se no momento em que foram revistadas as casas dos referidos presos e/ou envolvidos e encontrados os mais diversos tipos de armas.

“(...) tais como Fuzil, Mosquetão, Vinchester até granadas de mão cada uma pesou 2 kg. Todo o reforço de Joaçaba ficou aqui mais que 2 meses até que tudo estava normal. Todas as casas foram revistadas o que eles acharam de Armamento foi incrível.”<sup>27</sup>

De acordo com os manuscritos e entrevista com Aloísio Werle, foram necessárias duas carroças para levar as armas encontradas.

Esta prisão domiciliar era relativamente facilitada, pois eram permitidas visitas e saídas noturnas, até para se ouvir rádio, jogos da copa do mundo. Segue trecho de entrevista realizada por Arlene Renk, com Padre Luiz Heinen:<sup>28</sup>

“Mas em São Carlos o Padre Jerônimo não se lembra quanto tempo,

27. WERLE, Aloísio. Memória, op. cit.

28. Entrevista realizada por Arlene Renk, com Padre Luiz Heinen, em maio de 1990. Arquivo de História Oral do CEOM - UNOESC-Chapecó.

mas vários meses, estavam com uniforme, de camisa verde... Então demorou um pouco depois de novembro, os chefes, foram presos, um tipo de prisão domiciliar. Em São Carlos, por diversas semanas. Eu acho meio gozado por que o Padre Jerônimo se lembra que foi numa época de Copa do Mundo, né. Naquele tempo que tinham rádio eram poucos, né. Então eles tinham prisão domiciliar, mas vários deles não tinham rádio, então acompanhados de um praça eles se reuniam numa casa para escutar a Copa do Mundo né, isso.”

Os prisioneiros permaneceram por alguns meses em São Carlos e depois foram levados até a prisão de Chapecó.

“Isso, esses, digamos da Diretoria, a Cúpula Integralista de São Carlos. Aqui então era um pouquinho mais burro quer dizer, aí não era mais prisão domiciliar”.<sup>29</sup>

Amainada a raiva inicial da quebra do bar, a vila tentava voltar ao normal acreditando que os presos ficariam por aqui mesmo. A retirada dos mesmos, transferidos para Chapecó, fez com que as esposas dos integralistas organizassem um movimento para a soltura dos mesmos.

“Aí em São Carlos foi feito um movimento popular e, vieram com 2 ou 3 caminhões de gente prá cá. E, vieram prá Delegacia e, bateram o pé e protestaram e, daí uns dias puderam voltar, né. Não porque, eles disseram olha, contra o integralismo, foi proibido e foi respeitado em São Carlos, né. Nós pomos a mão no fogo por esses aí, eles são de respeito, e queremos eles em liberdade, e conseguiram.”<sup>30</sup>

Arno Werlang, irmão de Pedro, um dos presos, juntamente com Fridolino, Manoel Klauck e Gustavo Kuthies, foi motorista de um dos

29. HEHNEN, Padre Luiz. Entrevista, op. cit.

30. HEHNEN, op. cit.

caminhões que levou o pessoal até Chapecó para protestar. Ele comenta que predominavam as mulheres no protesto, sendo que Pedro Werlang foi solto um dia antes dos demais, pois descobriu-se que era neto de um Tenente do Exército, que havia lutado na Guerra do Paraguai.

Os antecedentes citados até agora emolduram suscintamente, pequena parcela de acontecimentos que ajudaram a fixar e reinterpretar a corrente política integralista em São Carlos. Desta forma não podemos usar aqui a filosofia nacional integralista sob pena de nos desviarmos do contexto local. A divisão de interesses já manifestada no início da colonização, juntamente com os critérios de colonização adotados por Culmey, determinaram o comportamento da variável integralista local.

A oposição, no entanto, não via nos integralistas locais elementos que levariam o país em outra direção, mas sim a solidificação da polarização de interesses na vila, pois sabiam perfeitamente o quão longe estavam dos principais acontecimentos do País. A oposição, alertava para o fato de os integralistas estarem querendo transformar este local em uma nova Alemanha e que para tal estavam dispostos e preparados para a luta armada, visto a quantidade de armamento localizada e quantia muito maior que foi escondida ou enterrada ou ainda jogada dentro de rios. A quantidade era realmente muito grande, principalmente sabendo-se que em 1932, em virtude da Revolução Constitucionalista, a polícia estadual fez um recolhimento geral de armas na vila. Esta mesma oposição, no entanto, também era favorável a uma vitória alemã na guerra.<sup>31</sup>

Existiam, então, três correntes em duas. Uma, a dos integralistas, que posteriormente manifestaram-se a favor de Hitler e da nação Alemã. Outra, que manifestava-se a favor do nacionalismo brasileiro, mas praticavam o *Deutschtum* e posteriormente manifestaram-se a favor de Hitler. (GERTZ, 1987)

Referente as armas encontradas e as escondidas, qual sua finalidade, ou como as mesmas vieram parar nos locais em que estiveram? Não arriscaria até o presente nenhuma análise maior, além de que: granadas ou bombas, mesmo que caseiras, mosquetões, fuzis, não são armas de caça e sim militares. E balas ou pentes com balas ainda hoje são encontrados em determinadas lavouras, bem como

---

31. WERLE, Aloisio. Entrevista, op. cit.

revólveres e outras armas; na vila de Porto Novo, (atual cidade de Itapiranga) fronteira com Argentina fez-se denúncia de contrabando de armas, o que provocou violenta reação por parte da polícia estadual, a prisão de muitas pessoas, torturas e a fuga de diversos moradores para o outro lado da fronteira, também porque já estávamos em plena guerra.

Os meses que se seguem não são diferentes. Persiste um clima de grande insegurança, pois todos sabiam que na eventualidade de iniciar-se a Segunda Guerra Mundial a perseguição não seria só contra os Integralistas, seria contra todos os Alemães.

## Conclusões

Não há como não atribuir a Carlos Culmey a decisão dos critérios utilizados para a permissão de venda de terras aos imigrantes, visto que o critério utilizado na vila de São Carlos foi baseado em sua experiência de colonizações anteriores, onde se deve supor que: devam ter produzido bons resultados dentro de sua perspectiva de trabalho ou o objetivo principal estava em simplesmente fixar um grande número de pequenos núcleos de elementos identificados pela etnicidade.

Na verdade, estes pequenos núcleos que hoje são pequenas cidades, são alguns dos que deram certo, visto que estavam previstos em número maior, o que em regra identifica a paisagem de zona rural alemã, cravejada de pequenas vilas agropecuárias.

Ao se procurar dar uma identificação própria a uma localidade, por uma série de traços comuns, sendo os predominantes de formação cultural, comunicando-se pela mesma língua, com hábitos iguais; procedendo de regiões similares, de mesma religião, identificando-se até nas formas de lazer, seria absurdo imaginar que poderia haver em curto ou médio prazo um processo de aculturação de modo a reverter estes traços.

O isolamento inicial era muito grande e ao mesmo tempo que prejudicou economicamente os moradores, contribuiu para a fixação de diversos hábitos culturais, da mesma forma que solidificou muitas perdas, fazendo-se acreditar que as mesmas eram irreversíveis.

Todos eram a favor do progresso, mas não havia uniformidade quanto às regras do mesmo, pois o único que pensava a vila como um

conjunto completo e complexo era Culmey, que por sua vez não morava no local e que provavelmente tinha planos do desconhecimento dos demais para as localidades.

Pouquíssimas pessoas mantinham-se alheias aos acontecimentos locais. Em geral todos possuíam opinião a respeito de tudo, normalmente tomando partido, sendo raros os casos de mudança de opinião, conseqüentemente de posição.

Isto não significa amadurecimento ou alto grau de consciência, muito antes, ânsia em poder participar, fazer-se existir e crescer juntamente com a vila.

As determinações tomadas pelos governos catarinenses, pós 30, foram um golpe traumático na cultura alemã, sendo que a intenção de reprimir as manifestações nesse sentido, conseguiram, de fato, grandes resultados, extinguindo clubes, incendiando bibliotecas, proibindo outras línguas, inibindo diversas formas culturais preservadas como essência de vida.

A forma como foi incorporado o Integralismo na vila, permite que se tenha uma idéia das variáveis que uma corrente política, em especial, nacionalista, pode promover, quando submetida a uma parcela maior de pessoas.

O integralismo não foi o responsável por barbaridades cometidas, mas sim, foi usado em nome dos interesses já definidos anteriormente, interesses estes em que a bandeira do Brasil destoava um pouco.

A extinção dos partidos em dezembro de 37, por Getúlio Vargas, não acaba com o integralismo. E seria ilógico pensar que estas vilas colonizadas exclusivamente por teutos e alemães não se identificassem com a Alemanha, conseqüentemente com o Hitlerismo, assumindo no nacionalismo as cores alemãs.

A extinção oficial, por decreto, da Ação Integralista Brasileira - AIB - não acaba com sua política, assim como a II Grande Guerra que se sucede, findando em 1945, também não foi razão suficiente para acabar com os integralistas e sua militância. Estes continuam se reunindo, reagrupando-se em outras correntes políticas, sem negar seu passado nacionalista, sem esquecer de Plínio Salgado.

## Referências Bibliográficas

- FIORI, Neide Almeida. Rumos do Nacionalismo Brasileiro nos tempos da Segunda Guerra Mundial : o nacional e as minorias étnicas inimigas. In : **Natureza, História e Cultura**. Porto Alegre : Ed. da UFRGS, 1993.
  - GERTZ, René. **O fascismo no sul do Brasil**. Germanismo, Nazismo, Integralismo. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1987.
  - \_\_\_\_\_. **O perigo alemão**. Porto Alegre : Ed. da Universidade/UFRGS, 1991.
  - HERWIG, Tutz Culmey e KNORR, Ilga K. **A filha do pioneiro**. Memórias. São Carlos : Prefeitura Municipal de São Carlos, 1987.
  - HILTON, Stanley E. **Suástica sobre o Brasil**. A história da espionagem alemã no Brasil. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1977.
  - MÜLLER, Telmo Mauro (Org.). **Nacionalização e imigração alemão**. São Leopoldo : Ed. UNISINOS, 1994.
  - SALGADO, Plínio. **O que é Integralismo?** Obras Completas, v. 9 e 10. São Paulo : Ed. das Américas, 1958.
  - SEITENFUS, Ricardo A. Silva. O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos : 1930-1942, o processo de envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial. **Coleção Brasileira**, 22, São Paulo, 1985.
  - TRINDADE, Hégio. **Integralismo** : o fascismo brasileiro na década de 30. São Paulo : Difel, 1979.
- Cadernos do CEOM, n. 02, Ano 09, UNOESC-Chapecó, jul., 1995.